



NAVEGAR e CONHECER

ONDE ESTÃO AS ESPÉCIES AQUÁTICAS
AMEAÇADAS DO RIO DOCE?

Organizadores

Marina Koketsu Leme
Bruno R. Ribeiro
Eline Martins
Rafaela Aparecida da Silva
Rafael Loyola

Coordenação e Financiamento



Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável



Instituto Internacional para Sustentabilidade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Navegar e conhecer [livro eletrônico] : onde estão as espécies aquáticas ameaçadas do Rio Doce? / organizadores Marina Koketsu Leme...[et al.]. -- Rio de Janeiro : Vallie, 2024.
PDF

Outros organizadores: Bruno R. Ribeiro, Eline Martins, Rafaela Aparecida da Silva, Rafael Loyola.
Bibliografia.
ISBN 978-65-983510-0-7

1. Animais aquáticos 2. Bacia hidrográfica
3. Biodiversidade - Conservação - Brasil
4. Espécies em extinção 5. Espécies em extinção - Bacia do Rio Doce 6. Meio ambiente - Conservação - Proteção I. Leme, Marina Koketsu. II. Ribeiro, Bruno R. III. Martins, Eline. IV. Silva, Rafaela Aparecida da. V. Loyola, Rafael.

24-207896

CDD-574.52642

Índices para catálogo sistemático:

1. Biota aquática : Espécies em extinção :
Preservação 574.52642

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

ISBN: 978-65-983510-0-7



9 786598 351007



NAVEGAR e CONHECER

ONDE ESTÃO AS ESPÉCIES AQUÁTICAS
AMEAÇADAS DO RIO DOCE?

Ficha Técnica

FUNDAÇÃO BRASILEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Diretor Executivo:

Walfredo Schindler

Diretora Científica:

Rafaela Aparecida da Silva

Gerente Técnico:

Bruno R. Ribeiro

INSTITUTO INTERNACIONAL PARA SUSTENTABILIDADE

Diretor Executivo:

Rafael Loyola

Gerente Técnica:

Juliana Almeida Rocha

Gerente de Projetos:

Carolina Salcedo

FUNDAÇÃO BRASILEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - FBDS E INSTITUTO INTERNACIONAL PARA SUSTENTABILIDADE - IIS

Banco de dados e georreferenciamento:

Karlo Gregório Guidoni Martins

APOIO TÉCNICO

Levantamento de dados biológicos das espécies e seleção de imagens:

Adriano Tamm

Julia Venegas

Noah Kogut Levin

Zander Augusto Spigoloni Vilaça

Design, diagramação e revisão:

Angelo de Barros Gabriel

Elise Dalmaso

Pablo Vilela

Sigrid Correa Wiederhecker

Agradecemos a todos que participaram da construção desta cartilha pois é o resultado de um trabalho feito em conjunto por diversas pessoas. Aos autores que cederam as imagens que ilustram este trabalho, aos colegas Aliny Pires, Adriano Melo e Rapahel Macieira que colaboraram com a busca das mesmas, e também a tantas outras pessoas que de alguma forma nos auxiliaram para a conclusão dessa obra.

COMO CITAR ESTA OBRA:

Leme, M. K.; Ribeiro, B.R.; Martins, E.; Da Silva, R.A. e Loyola, R. (Orgs.). 2024. Navegar e conhecer. Onde estão as espécies ameaçadas da bacia do Rio Doce? Rio de Janeiro, incluir intervalo de páginas da referência.

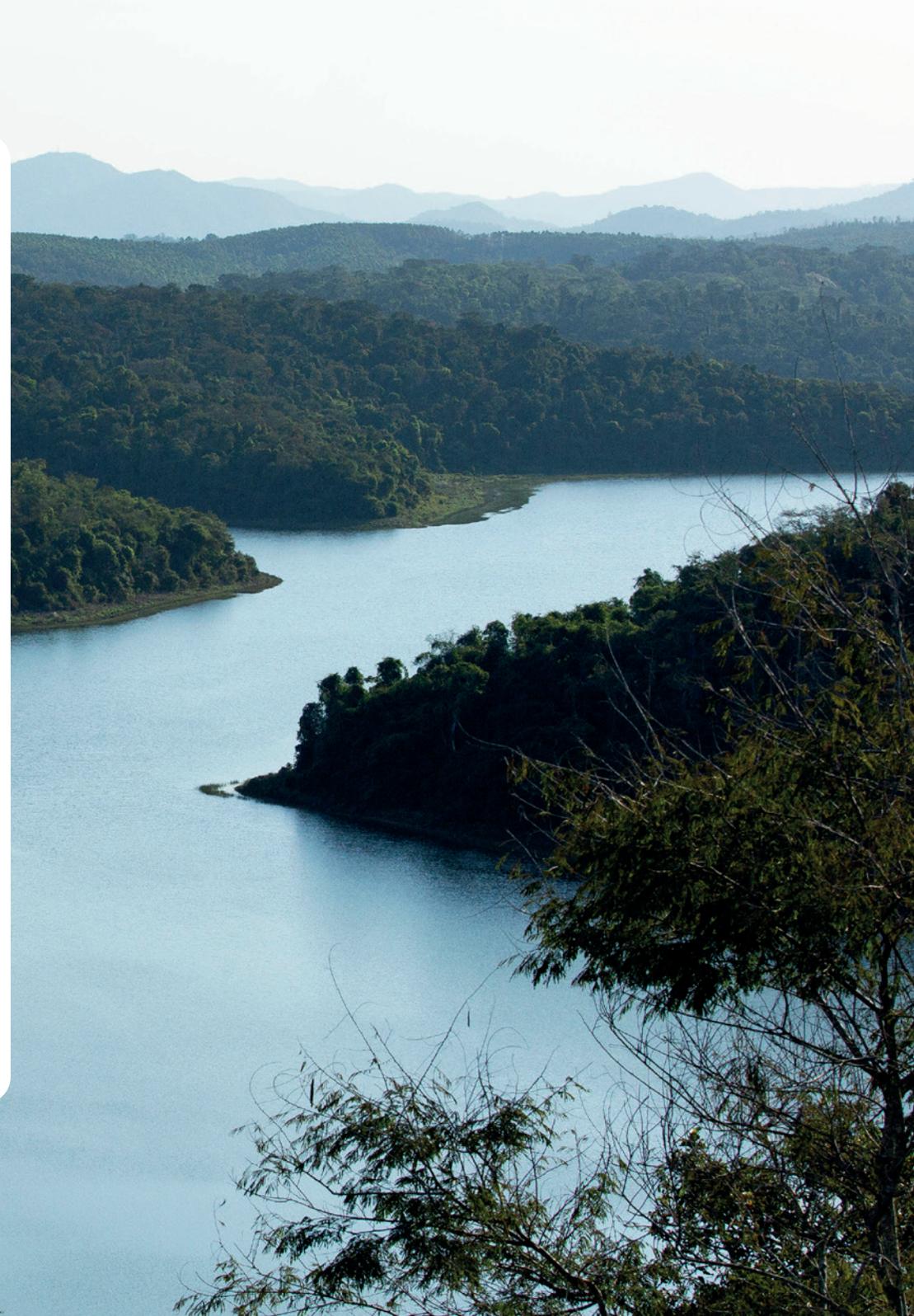
APRESENTAÇÃO

Nesta cartilha te convidamos a navegar pelos mapas da Bacia Hidrográfica do rio Doce (BH – rio Doce) e conhecer 32 espécies de sua fauna aquática, suas características e principais ameaças. Embarque nas páginas a seguir e tenha acesso às informações de cada animal e aos locais onde pode ser encontrado ao longo da bacia.

Essas espécies de animais estão no “Plano de Ação para Recuperação e Conservação da Fauna Aquática da Bacia Hidrográfica do Rio Doce (PABA)” como espécies-alvo no contexto da reparação. Os dados científicos sobre as espécies da fauna aquática da BH – rio Doce contidos no “Livro vermelho da biota aquática do rio Doce ameaçada de extinção pós-rompimento da barragem de Fundão: Mariana, Minas Gerais” serviram de base para a construção do PABA, justificando a escolha das 32 espécies-alvo que serão apresentadas nesta cartilha.

Esperamos que a leitura possibilite a você encontrar e conhecer mais sobre a fauna aquática, principalmente sobre as espécies ameaçadas, e que esse encontro seja agradável como navegar nas águas do rio Doce.

Equipe FBDS



ORIENTAÇÕES PARA NAVEGAÇÃO

Todas as informações apresentadas nesta cartilha se referem às espécies de interesse que habitam a área de abrangência da BH – rio Doce. Portanto, quando citarmos as regiões ou localidades onde essas espécies habitam e suas principais ameaças, nos referimos a esse contexto geográfico.

Para resumir e ilustrar essas informações, foram criados os chamados mapas de ocorrência para cada animal. Esses mapas têm a função de apresentar onde cada espécie potencialmente pode ser encontrada, considerando regiões ou locais de ocorrência confirmados. Eles também têm a finalidade de auxiliar no planejamento de ações de proteção para espécies ameaçadas de extinção. Sua construção normalmente é feita a partir de informações fornecidas por pesquisas científicas e ajudam a responder perguntas importantes para a conservação dos ecossistemas.

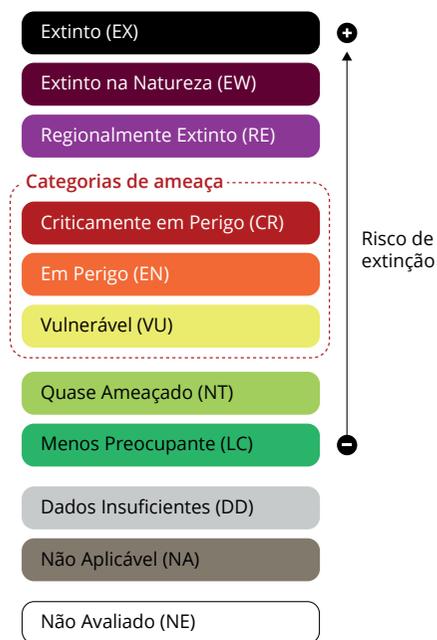
Na página ao lado é apresentado um mapa de ocorrência para ilustrar os locais onde a espécie *Cardisoma guanhumi*, conhecida popularmente como guaiamum, pode ser encontrada. Desse modo, você poderá conferir os limites geográficos que foram considerados.

Como uma importante ferramenta de proteção à biodiversidade, as avaliações do estado de conservação permitem classificar as espécies e verificar se elas se encontram dentro de algum grau de ameaça ou não. Juntas, essas avaliações formam uma base de dados, isto é, um local onde são encontradas informações sobre as espécies. Essas avaliações são utilizadas nos planejamentos dos planos de ação das espécies ameaçadas de extinção e foram utilizadas para a determinação das espécies-alvo do PABA e do Livro Vermelho.

Cada animal desta cartilha foi avaliado com base em seu risco de extinção de acordo com as categorias de status de conservação da União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN). Assim, esses animais receberam uma das classificações a seguir: Vulnerável (VU), Em Perigo (EN) ou Criticamente em Perigo (CR), Quase Ameaçada (NT), Pouco Preocupante (LC), Dados Insuficientes (DD), Não Ameaçada (NA) ou Não Avaliada.

O método desenvolvido pela IUCN determina onze categorias em que as espécies podem ser classificadas de acordo com a imagem a seguir:

Figura 2 – Categorias do Método IUCN.



Nesta cartilha, apresentamos no canto superior direito de cada página as classificações dos status de conservação das espécies tanto na BH – rio Doce quanto na escala nacional.

*Por convenção, a notação das categorias traz o nome em português e a sigla original em inglês entre parênteses.

SOBRE OS ÍCONES DOS RISCOS À CONSERVAÇÃO

Além do status de conservação, você encontrará ícones que se referem aos riscos à conservação de cada espécie. Juntos, eles explicam o motivo da espécie estar ameaçada. Dessa forma, precisam ser reduzidos para que as ações de conservação das espécies tenham sucesso.

Para facilitar a leitura da cartilha, criamos ícones ilustrativos. Cada ícone está associado a um risco e descrito a seguir:



Instabilidade da vazão hídrica



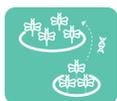
Modificação das características da água



Modificação do habitat



Alterações na teia alimentar



Impactos sobre o fluxo gênico



Degradação da mata ciliar e aquática



Fragmentação de habitat



Introdução de espécies não nativas



Sobrepesca



Degradação em áreas de "berçários"



Poluição e degradação física do habitat costeiro



Alteração da qualidade do meio



Isolamento populacional



Seca prolongada



Especificidade de habitat



Degradação de habitat resultante de práticas agropecuárias insustentáveis



Ocorrência limitada



Queimadas



Degradação de habitat resultante de práticas extrativistas insustentáveis



Efeitos da urbanização



Fragmentação da população



Afinal, quais são as 32 espécies?



CRUSTÁCEOS

Espécies

Nome científico	Nome popular
<i>Atya scabra</i>	camarão-camacuto
<i>Cardisoma guanhumi</i>	guaiamum
<i>Macrobrachium acanthurus</i>	camarão-canela
<i>Macrobrachium carcinus</i>	camarão-pitu
<i>Macrobrachium olfersii</i>	pitu
<i>Minuca victoriana</i>	caranguejo chama-maré
<i>Palaemon pandallformis</i>	camarão-fantasma
<i>Potimirim potimirim</i>	camarão miúdo do Itajaí
<i>Ucides cordatus</i>	caranguejo-uçá

Os animais desta cartilha pertencem a três grupos: crustáceos, peixes e insetos, sendo o grupo dos insetos subdividido em efeméridas e odonatas. A seguir apresentamos as espécies de cada um desses grupos com seus nomes científicos, um nome popular com o qual elas são conhecidas e curiosidades sobre a biologia, ecologia ou até mesmo um fator que ameace a conservação dos grupos.



Curiosidades sobre os crustáceos

9 espécies-alvo.

6 espécies anfídromas, ou seja, mudam de ambiente ao longo de seu ciclo de vida. As larvas nascem e se desenvolvem em água salobra (ambiente estuarino e/ou marinho) e os adultos vivem em água doce.

2 espécies realizam a bioturbação do sedimento, que é o processo de alterações físicas e químicas que ocorrem pela ação dos organismos. Esse processo auxilia a recuperação da qualidade do sedimento.

Em ambientes favoráveis, suas populações estão presentes em grande quantidade, o que auxilia as interações ecológicas.

Função socioeconômica: recurso alimentar e fonte de renda (pesca, extrativismo, coleta).

Mudança de habitat, depósito de sedimentos e alterações na qualidade da água estão entre as principais ameaças a esse grupo.



PEIXES

Espécies

Nome científico	Nome popular
<i>Brycon dulcis</i>	piabanha
<i>Epinephelus itajara</i>	mero
<i>Lupinoblennius paivai</i>	blênio
<i>Lutjanus cyanopterus</i>	caranha
<i>Megalops atlanticus</i>	amaripim
<i>Paragenidens grandoculis</i>	rabo-seco
<i>Prochilodus vimboides</i>	curimatã
<i>Steindachneridion doceanum</i>	surubim-do-rio-Doce



Curiosidades sobre os peixes

8 espécies-alvo.

Animais de diferentes tamanhos: pequeno, médio e grande porte.

O estuário é local importante para as espécies, pode ser área de berçário (local onde os filhotes nascem e se desenvolvem), alimentação, crescimento e reprodução.

Espécies de interesse alimentar e comercial.

Mudanças no habitat (poluição, depósito de sedimentos, degradação da vegetação), introdução de espécies não nativas, pesca predatória estão entre as principais ameaças.

Mudança de habitat, depósito de sedimentos e alterações na qualidade da água estão entre as principais ameaças a esse grupo.



INSETOS - EFEMÉRIDAS

Espécies

Nome científico	Nome popular
<i>Adebrotus lugoi</i>	siriuia
<i>Camelobaetidius cayumba</i>	siriuia
<i>Camelobaetidius juparana</i>	siriuia
<i>Camelobaetidius spinosus</i>	siriuia
<i>Hermanella nigra</i>	siriuia
<i>Hydrosmilodon plagatus</i>	siriuia
<i>Lachlania aldinae</i>	siriuia
<i>Oligoneuria (Oligoneurioides) amandae</i>	siriuia
<i>Paramaka convexa</i>	siriuia
<i>Simothraulopsis eurybasis</i>	siriuia
<i>Ulmeritoides tamoio</i>	siriuia



Curiosidades sobre as efeméridas

11 espécies-alvo.

Suas formas imaturas precisam estar na água para se desenvolverem. Os adultos são terrestres.

Importante função ecológica como fonte de alimentos para outros animais.

Ocupam diversos ambientes, desde águas calmas a correntezas mais fortes.

São desconhecidos pela população, pois são muito pequenos, vivem grande parte do ciclo dentro da água e têm hábitos noturnos ou crepusculares (saem no final da tarde ou à noite).

Indicadores de qualidade de água, pois qualquer mínima alteração reflete no comportamento das populações.

Modificação de habitat e das características físicas e químicas da água tem impactos significativos nas espécies.



INSETOS - ODONATAS

Espécies

Nome científico	Nome popular
-----------------	--------------

<i>Hetaerina curvicauda</i>	libélula
-----------------------------	----------

<i>Fredyagrion capixabae</i>	libélula
------------------------------	----------

<i>Nathaliagrion porrectum</i>	libélula
--------------------------------	----------

<i>Telebasis vulcanoae</i>	libélula
----------------------------	----------



Curiosidades sobre as odonatas

4 espécies-alvo.

Suas formas imaturas precisam estar na água para se desenvolverem. Os adultos são terrestres.

Importante função no controle biológico, pois são exímios predadores aquáticos. A alimentação das ninfas pode incluir protozoários, girinos, alevinos, larvas de insetos e outros.

Principais ameaças a esse grupo incluem: efeitos da urbanização e expansão agrícola, destruição e fragmentação de habitat e supressão da vegetação.

CONHECENDO A ROTA

Olhando de longe, a Bacia do rio Doce parece ser simples, apenas a água do rio correndo em direção ao mar. Mas, ao se aproximar, nota-se que ela é formada por muitos ambientes diferentes, tais como rios pequenos, médios, grandes; e com diferentes intensidades de correnteza, corredeiras e lajeados. Além disso, há também lugares como os manguezais, estuários, riachos, lagos, lagoas, substratos arenosos, rochosos, áreas de vegetação submersa e vegetação ciliar e muitos outros. Isso nos permite afirmar que a Bacia do rio Doce é composta por uma diversidade de habitats.



Habitat é o lugar onde existe um conjunto de características que favorece determinada espécie de se desenvolver. É o local em que a espécie vive.

Cada local favorece a permanência de determinadas espécies. Isso é influenciado diretamente por aquilo com que elas se alimentam, como se reproduzem ou vivem em certos momentos de seu ciclo de vida.

A seguir, apresentamos alguns dos ambientes mais frequentados pelas espécies que compõem essa cartilha:

Estuário

O estuário é área alagada onde a água do rio e do mar se misturam. Local de transição que tem uma livre conexão com o mar aberto, a água salgada do mar se dilui na água doce que vem do rio e se torna um ambiente com características únicas.



Manguezal

O manguezal é um local de grande importância pela sua alta produtividade e variedade de funções. Ele é utilizado como área de reprodução, berçário, crescimento, além de local de atividade pesqueira e marisqueira.



Apicum

O apicum é a zona marginal e menos inundada do manguezal, muito próximo da terra firme. Normalmente não tem vegetação arbórea, e a água apresenta alta salinidade.



**Agora, que tal adentrarmos e
conhecermos um pouquinho
mais sobre cada animal?**



STATUS DE AMEAÇA

Espécie anfídroma, suas larvas se desenvolvem em água salobra e os adultos na água doce. Assim, cada estágio de vida depende de locais específicos para completar o desenvolvimento. Desta forma, são sensíveis às pequenas alterações nos locais onde vivem, como poluição da água.

Atya scabra

Leach, 1816

Nome comum: camarão-camacuto, jonga, camarão-cavalo



Na Bacia do rio Doce: **Em Perigo**

No Brasil: **Não avaliado**



Foto: Douglas Fernandes Rodrigues Alves

Descrição: camarão de corpo bem desenvolvido que vive entre as rochas de rios rasos com forte correnteza. Para se alimentar, utiliza suas cerdas para raspar as superfícies e para auxiliar na filtragem da matéria orgânica que flutua sobre a água.

Cardisoma guanhumi

Latreille, 1828

Nome comum: guaiamum, caranguejo-mulato, caranguejo-mulato-da-terra

Na Bacia do rio Doce: **Criticamente em Perigo**

No Brasil: **Criticamente em Perigo**



STATUS DE AMEAÇA

A coleta agressiva aliada aos efeitos da poluição por metais pesados e depósito de sedimentos contribuiu com a diminuição populacional.

Foto: Cláudio Luís Sampaio



Descrição: crustáceo semiterrestre, de crescimento lento e grande porte. Espécie muito explorada pela pesca predatória ao longo dos anos. Encontrado em áreas de apicum, vive em tocas (galerias) que podem chegar a 2m de profundidade.



STATUS DE AMEAÇA

Espécie anfídroma, que depende de locais específicos para completar seu desenvolvimento, que é diferente para as formas jovens e adultas. São sensíveis às pequenas alterações nos locais onde vivem, como degradação das matas ciliares e poluição por esgoto, lixo e agrotóxicos. As populações dessa espécie sofrem pressão pela exploração comercial em larga escala e extrativismo por populações ribeirinhas.

Macrobrachium acanthurus

Wiegmann, 1836

Nome comum: camarão-canela, pitu, pitu-de-iguape



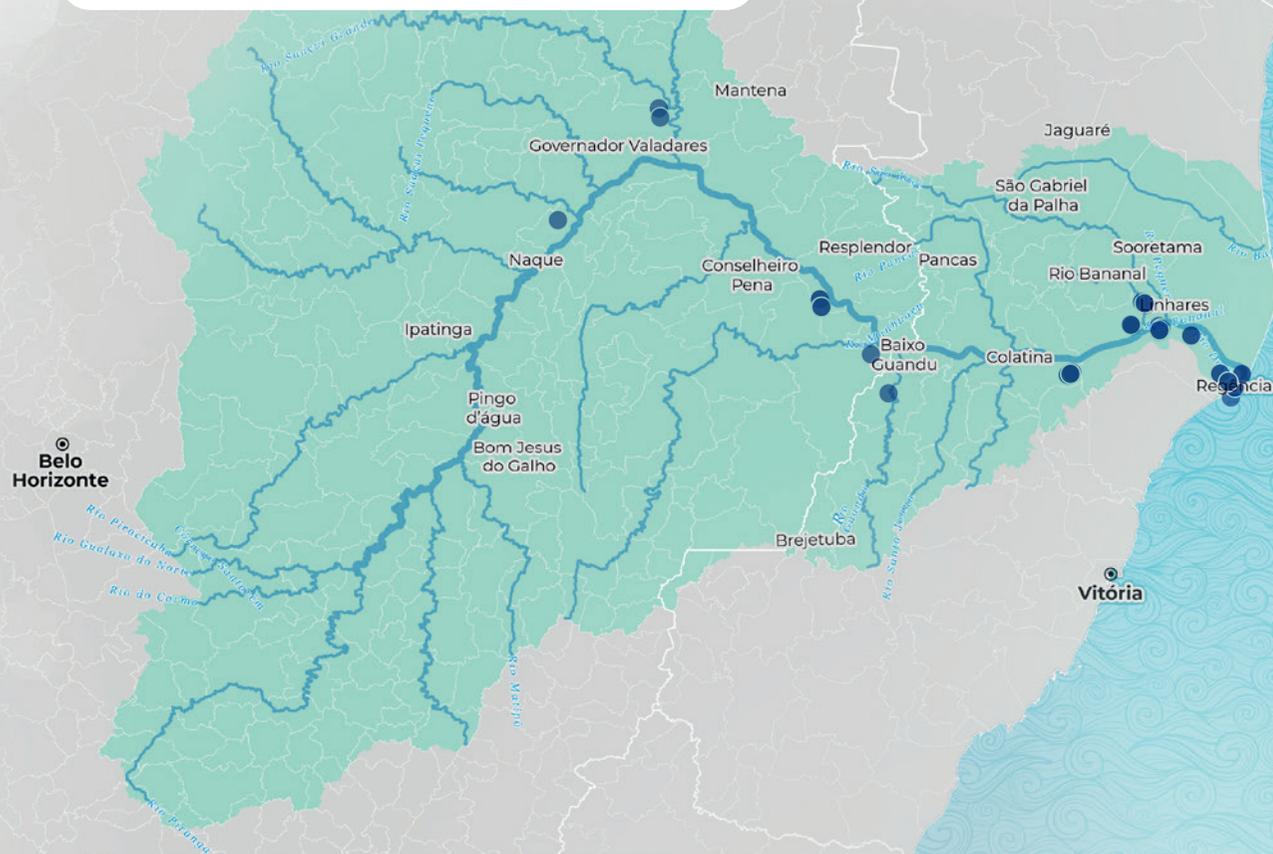
Na Bacia do rio Doce: **Em Perigo**

No Brasil: **Não avaliado**



Foto: Giovana Bertini

Descrição: espécie facilmente encontrada nos rios, com grande número de indivíduos. Gosta de viver entre a vegetação submersa próxima às margens dos rios.



Macrobrachium carcinus

Linnaeus, 1758

Nome comum: camarão-pitu, lagosta-de-água-doce, lagosta-de-são-fidélis

Na Bacia do rio Doce: **Em Perigo**

No Brasil: **Não avaliado**



STATUS DE AMEAÇA

Espécie anfídroma, que depende de locais específicos para completar seu desenvolvimento, sendo sensível a alterações em seu habitat devido à poluição urbana e industrial. Também sofre pressão com o excesso de pesca.



Foto: Douglas Fernandes Rodrigues Alves

Descrição: maior camarão de água doce das Américas. É encontrado em plantas flutuantes, raízes, troncos e rochas na parte inferior de grandes rios.



STATUS DE AMEAÇA

Como as outras espécies de crustáceos desta cartilha, também depende de locais específicos para completar seu desenvolvimento. A manutenção de suas populações sofre quando ocorrem alterações no seu habitat, como degradação de estuários e manguezais, e represamento de rios. Espécie anfídroma.

Macrobrachium olfersii

Wiegmann, 1836

Nome comum: pitu, potiporanga, camarão-aratanha

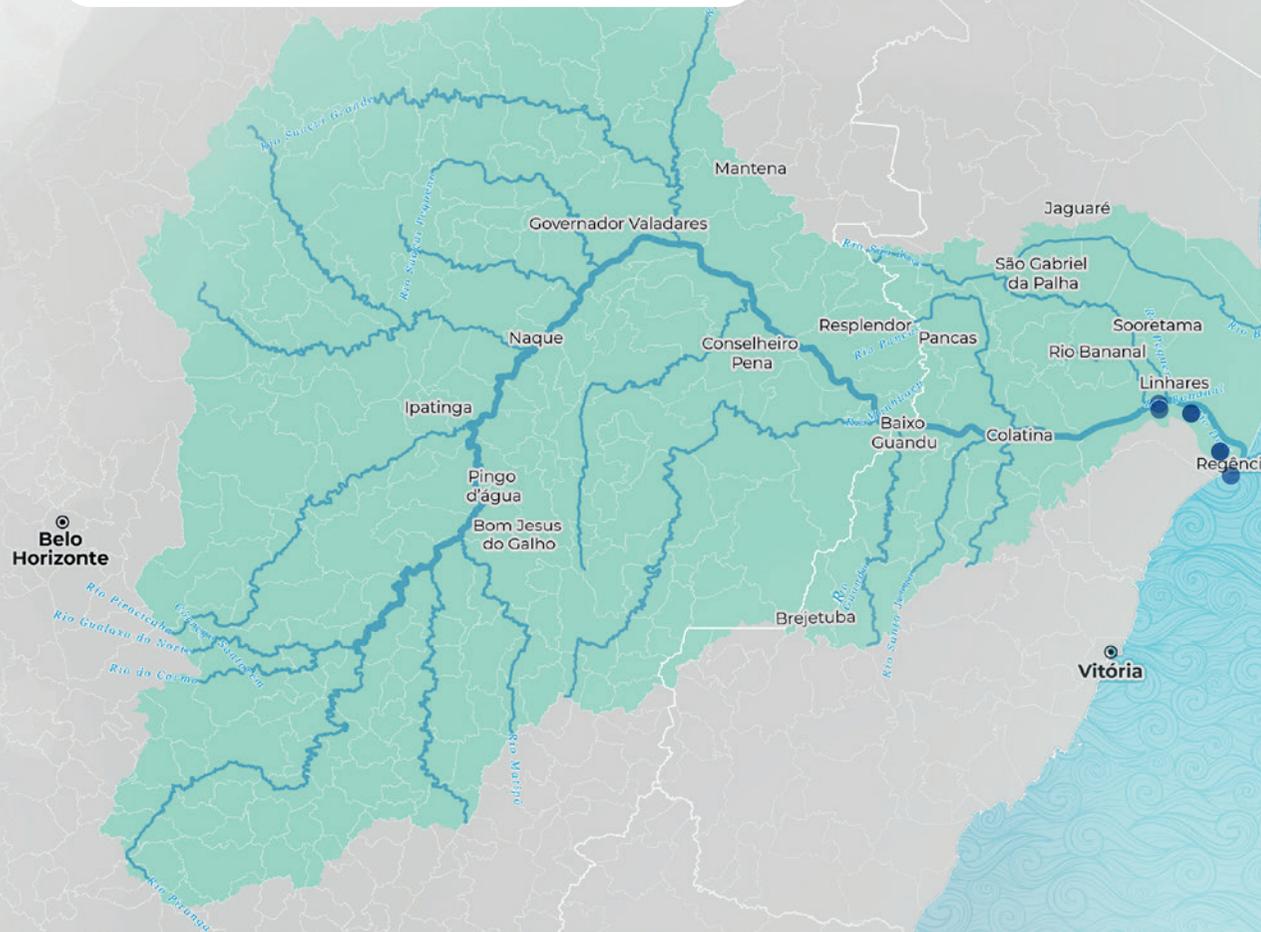


Na Bacia do rio Doce: **Em Perigo**

No Brasil: **Não avaliado**



Foto: Giovana Bertini



Descrição: é um camarão onívoro e detritívoro, ou seja, se alimenta de tudo. Além disso, é fonte de alimento de outras espécies de animais, por isso tem papel de destaque na teia alimentar. Gosta do fundo arenoso e rochoso de rios e riachos. A diminuição de sua população tem forte impacto em todo o ecossistema.

STATUS DE AMEAÇA

Espécie anfídroma, dependente de locais específicos para completar seu desenvolvimento. A destruição da vegetação próxima à água e a poluição afetam a sobrevivência dos indivíduos.



Palaemon pandaliformis

Stimpson, 1871

Nome comum: camarão-fantasma, potitinga

Na Bacia do rio Doce: **Em Perigo**

No Brasil: **Não avaliado**

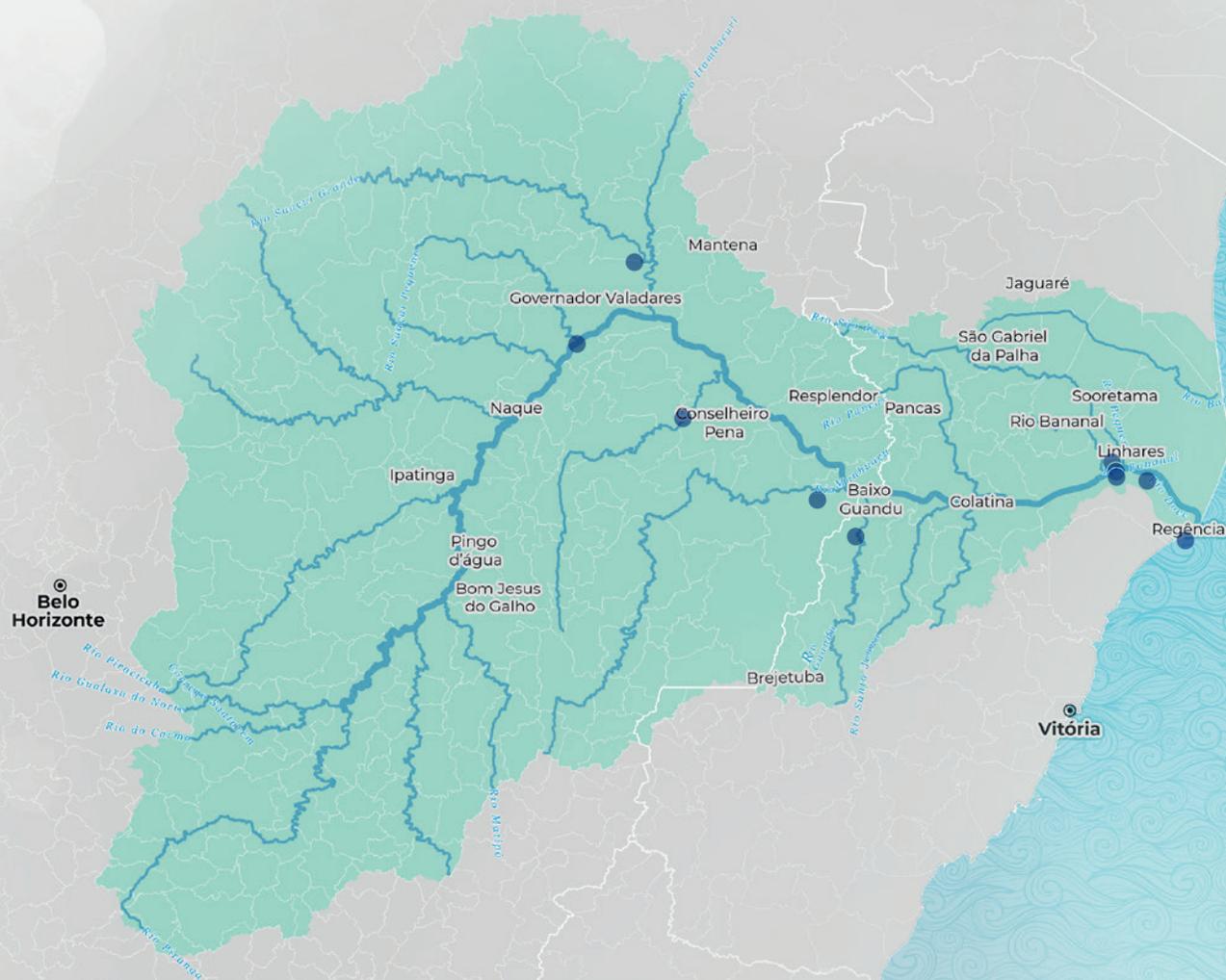


Foto: Laura Flamme

Descrição: camarão de pequeno porte que gosta de ficar entre a vegetação aquática de pequenos riachos. Não é apreciado no consumo humano, mas é utilizado como isca para pesca.

Potimirim potimirim

Müller, 1881

Nome comum: camarão-miúdo-do-itajaí, camarão-neon, potimirim

Na Bacia do rio Doce: **Em Perigo**

No Brasil: **Não avaliado**



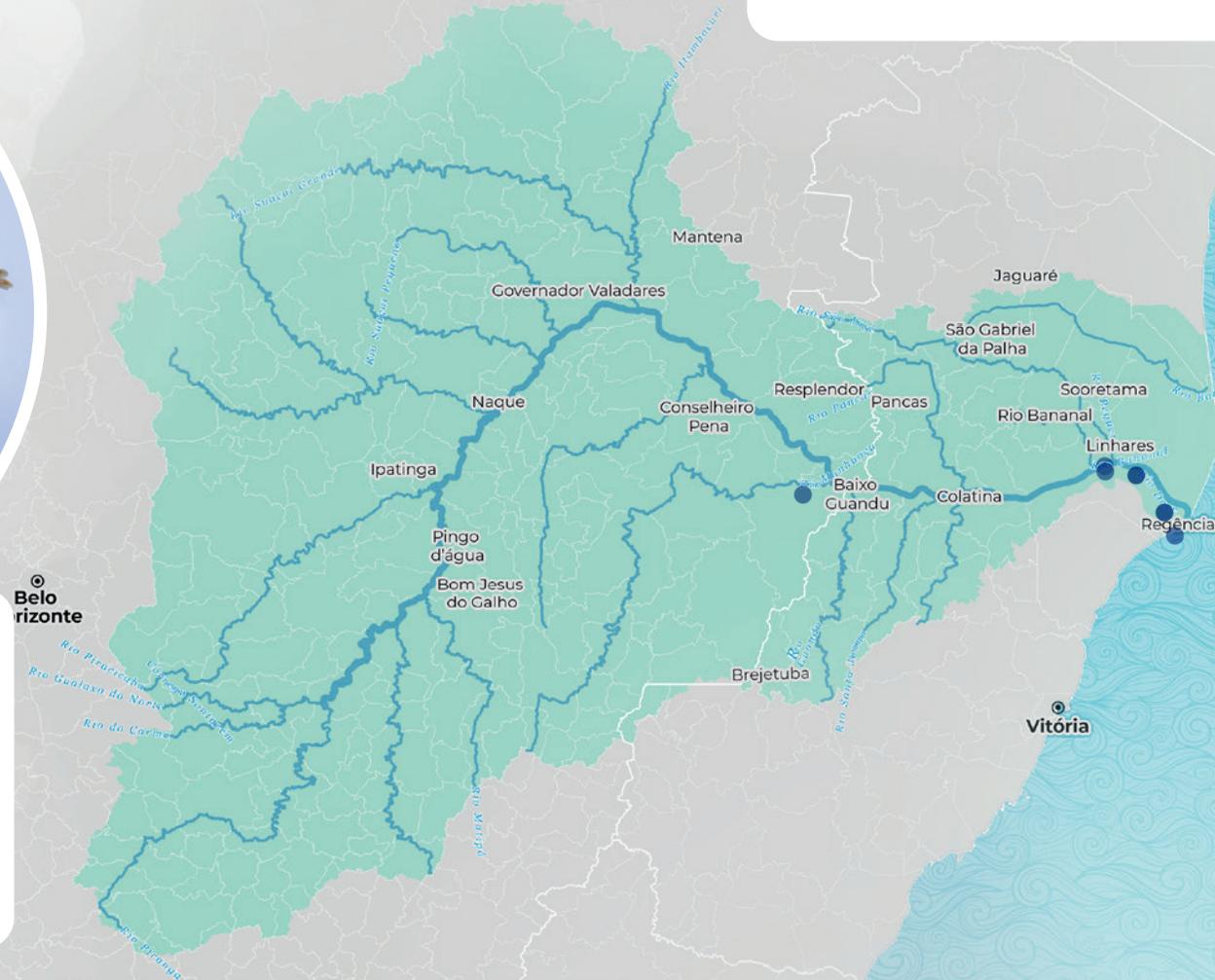
STATUS DE AMEAÇA

A degradação da vegetação, o depósito de sedimentos e a poluição são fatores que afetam sua sobrevivência. Espécie anfídroma, que depende de locais específicos para completar seu ciclo de vida, já que os jovens e os adultos se desenvolvem em locais distintos.

Foto: Alex B. de Moraes



Descrição: por ser considerado um bioindicador, a sua presença indica boa qualidade de água. Gosta de ficar na vegetação submersa nas margens dos rios, inclusive em plantas em decomposição. É mais uma espécie que pratica a bioturbação do sedimento.



Lupinoblennius paivai

Pinto, 1958

Nome comum: blênio

Na Bacia do rio Doce: **Dados Insuficientes**

No Brasil: **Não avaliado**

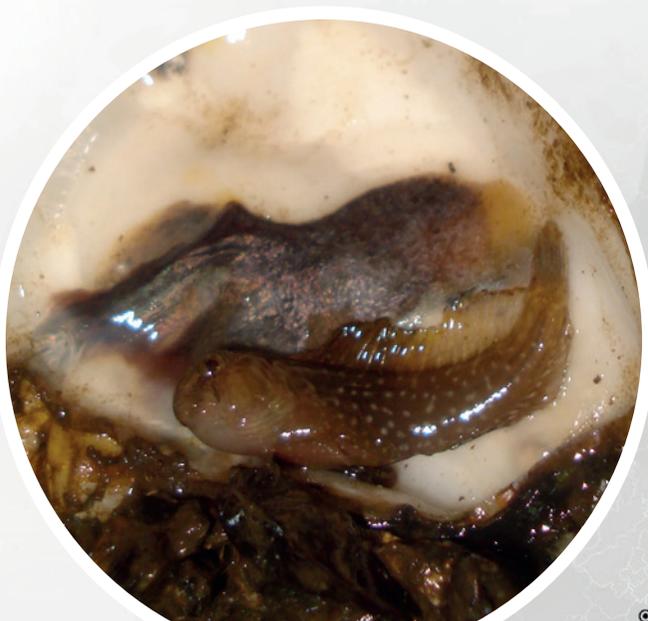


STATUS DE AMEAÇA

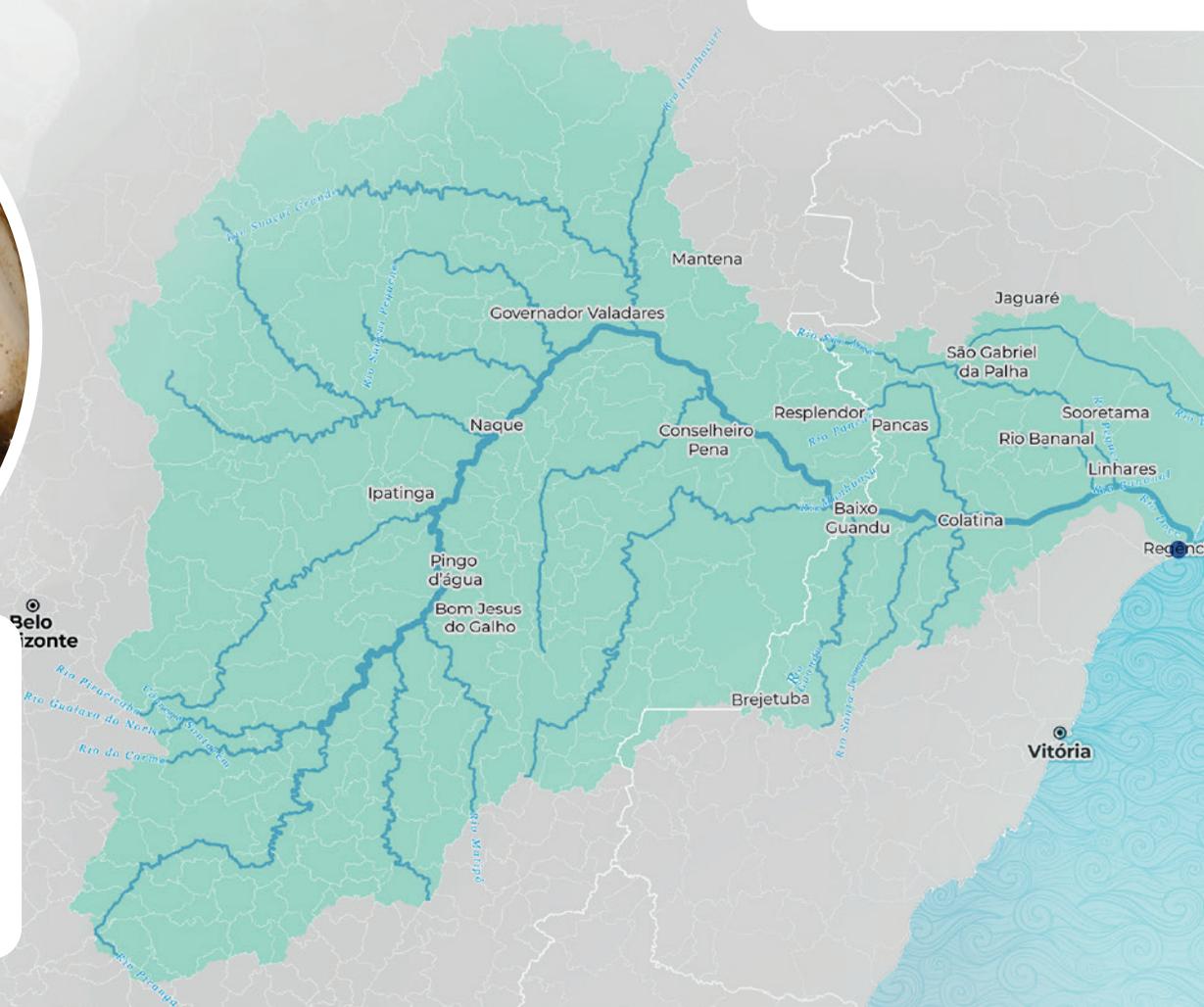
A espécie sofre com a modificação e fragmentação de habitat e poluição.

Entretanto, é classificada como dados insuficientes (DD) pela falta de informações na região da Bacia do rio Doce.

Foto: Renato L. Bot Neto



Descrição: gosta de viver nos estuários dos rios em locais de influência das marés, pode ser encontrado no fundo marinho e próximo à superfície. Aguenta ficar em locais de baixa salinidade e consegue ficar por horas fora d'água. Alimenta-se de crustáceos.



STATUS DE AMEAÇA

A pesca predatória e a degradação de habitat deste animal são impactos negativos para suas populações. A falta de pesquisa na região da Bacia do rio Doce classificou a espécie como Dados Insuficientes (DD).

Lutjanus cyanopterus

Cuvier, 1828

Nome comum: caranha, vermelho-caranha, caranha-do-fundo



Na Bacia do rio Doce: **Dados Insuficientes**

No Brasil: **Vulnerável**



Foto: Cláudio Sampaio

Descrição: em sua fase jovem gosta de ficar no substrato dos estuários e na fase adulta, nos fundos rochosos e recifes de corais. Pode chegar até 55 anos. Sofre com efeitos da pesca indiscriminada.



Megalops atlanticus

Valenciennes, 1847

Nome comum: amaripim, camurupim, tarpão

Na Bacia do rio Doce: **Criticamente em Perigo**

No Brasil: **Vulnerável**



STATUS DE AMEAÇA

Perda de habitat, principalmente em áreas de berçários (locais onde vivem os filhotes e peixes jovens), e sobrepesca são as principais ameaças à espécie.

Foto: Cláudio Luis Santos Sampaio



Descrição: animal predador migratório. O adulto gosta das águas da costa continental; o juvenil, estuários e mangue. Pode viver até 59 anos.



Prochilodus vimboides

Kner, 1859

Nome comum: curimatã, curimatá, curimba

Na Bacia do rio Doce: **Vulnerável**

No Brasil: **Vulnerável**



STATUS DE AMEAÇA

A construção de barragens tem um forte impacto no seu estabelecimento porque é uma espécie migratória que precisa se deslocar pelo rio. Além disso, é afetada pela poluição e degradação de habitat, além da competição com espécies exóticas, que são aquelas introduzidas que não são nativas daquele local.

Foto: Gilberto Nepomuceno Salvador



Descrição: espécie migratória detritívora, que se alimenta de restos e detritos, ocorre em rios e lagoas. Sua população é afetada pela pressão da pesca.



STATUS DE AMEAÇA

A espécie sofre com alterações no habitat devido à poluição, assoreamento dos rios e degradação. Também sofre com a competição com espécies introduzidas e pesca.

Steindachneridion doceanum

Eigenmann & Eigenmann 188

Nome comum: surubim-do-rio-doce, cachara



Na Bacia do rio Doce: **Criticamente em Perigo**

No Brasil: **Criticamente em Perigo**

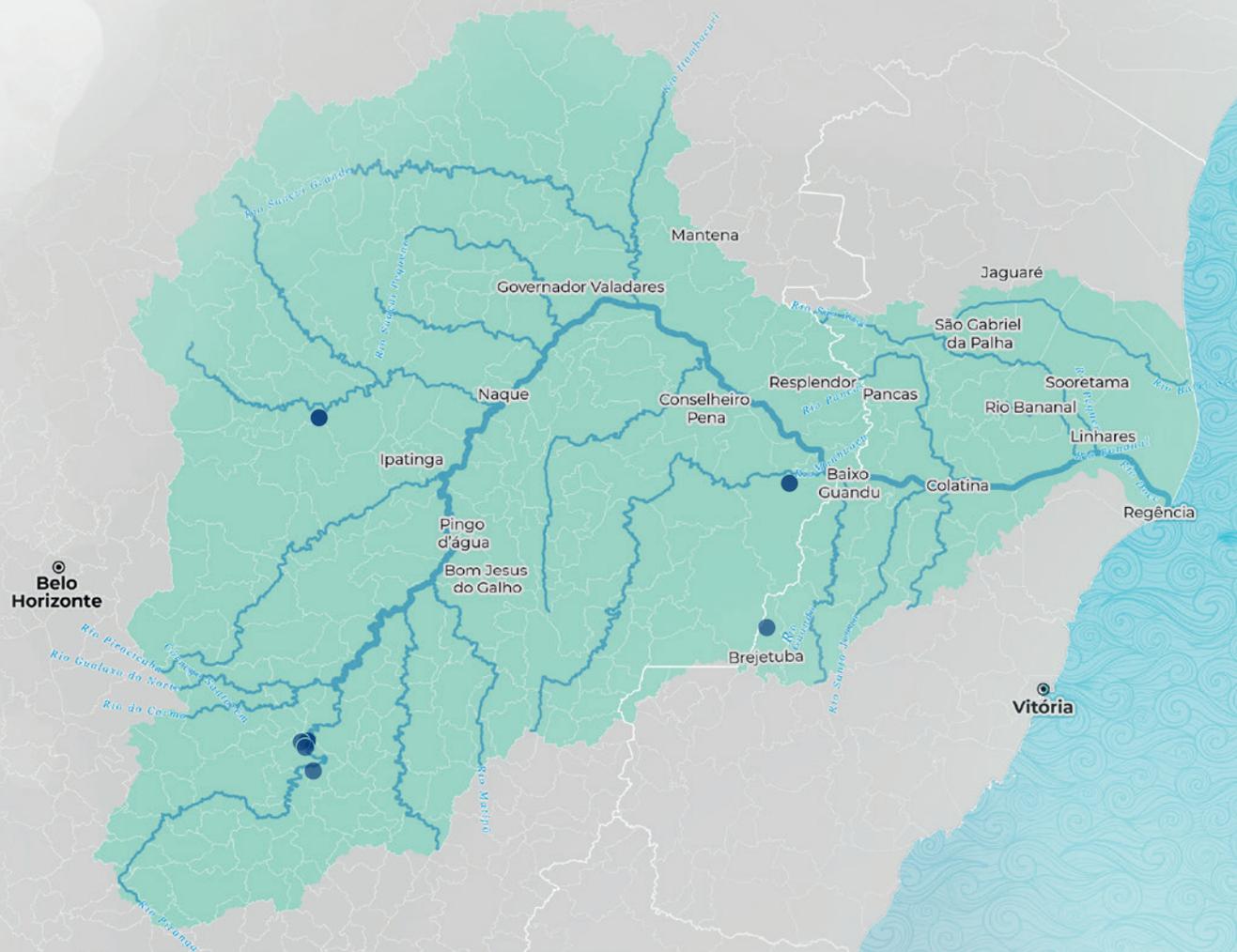


Foto: Frederico Fernandes Ferreira

Descrição: predador de topo de cadeia da Bacia do rio Doce, ou seja, o indivíduo adulto não é alimento de nenhum outro animal. É uma espécie que ocorre apenas no Brasil. Pode pesar até 17 kg e gosta de ficar no fundo rochoso de corredeiras de grandes rios.

Camelobaetidium juparana

Boldrini & Salles, 2012

Nome comum: efeméridas, sirirua, aleluia

Na Bacia do rio Doce: **Vulnerável**

No Brasil: **Vulnerável**



STATUS DE AMEAÇA

Por ficar em locais específicos, é sensível a qualquer alteração em seu habitat (poluição e desmatamento).

Foto: Frederico Falcão Salles



Descrição: ocorre apenas no Brasil. É um animal raspador, que gosta de viver nas rochas e troncos do fundo dos rios de correnteza moderada a forte.



STATUS DE AMEAÇA

Por ficar em locais específicos, é sensível a qualquer alteração em seu habitat, principalmente o assoreamento dos rios e o desmatamento.



Camelobaetidium spinosus

Boldrini & Salles, 2012

Nome comum: efeméridas, siriruias, aleluia

Na Bacia do rio Doce: **Vulnerável**

No Brasil: **Vulnerável**

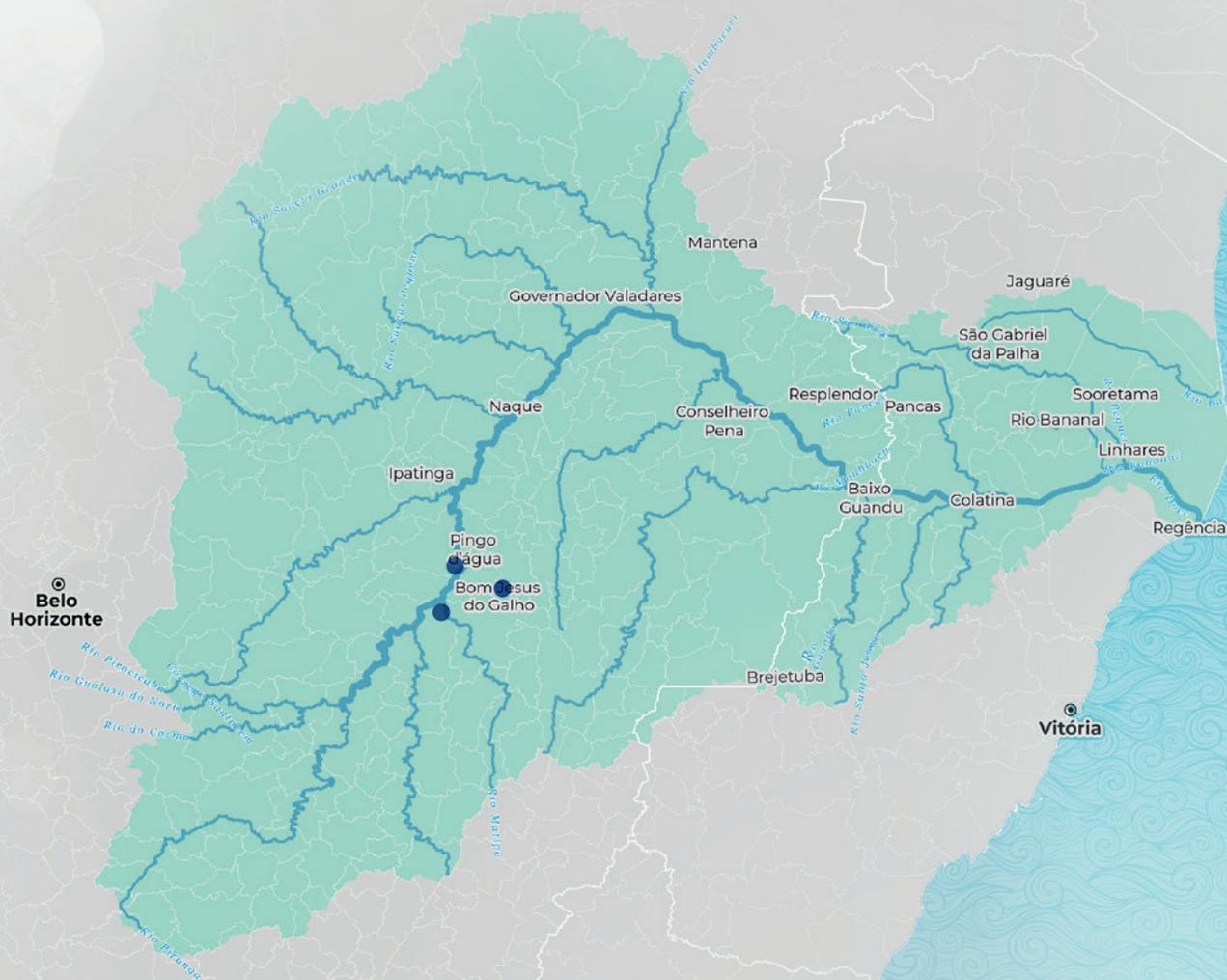


Foto: Frederico Falcão Salles

Descrição: ocorre apenas na Bacia Hidrográfica do rio Doce. Animal raspador, que gosta de viver nas rochas e troncos do fundo dos rios de correnteza moderada a forte.

Hermanella nigra

Nascimento & Salles, 2012

Nome comum: efeméridas, siriruiá, aleluia

Na Bacia do rio Doce: **Vulnerável**

No Brasil: **Vulnerável**

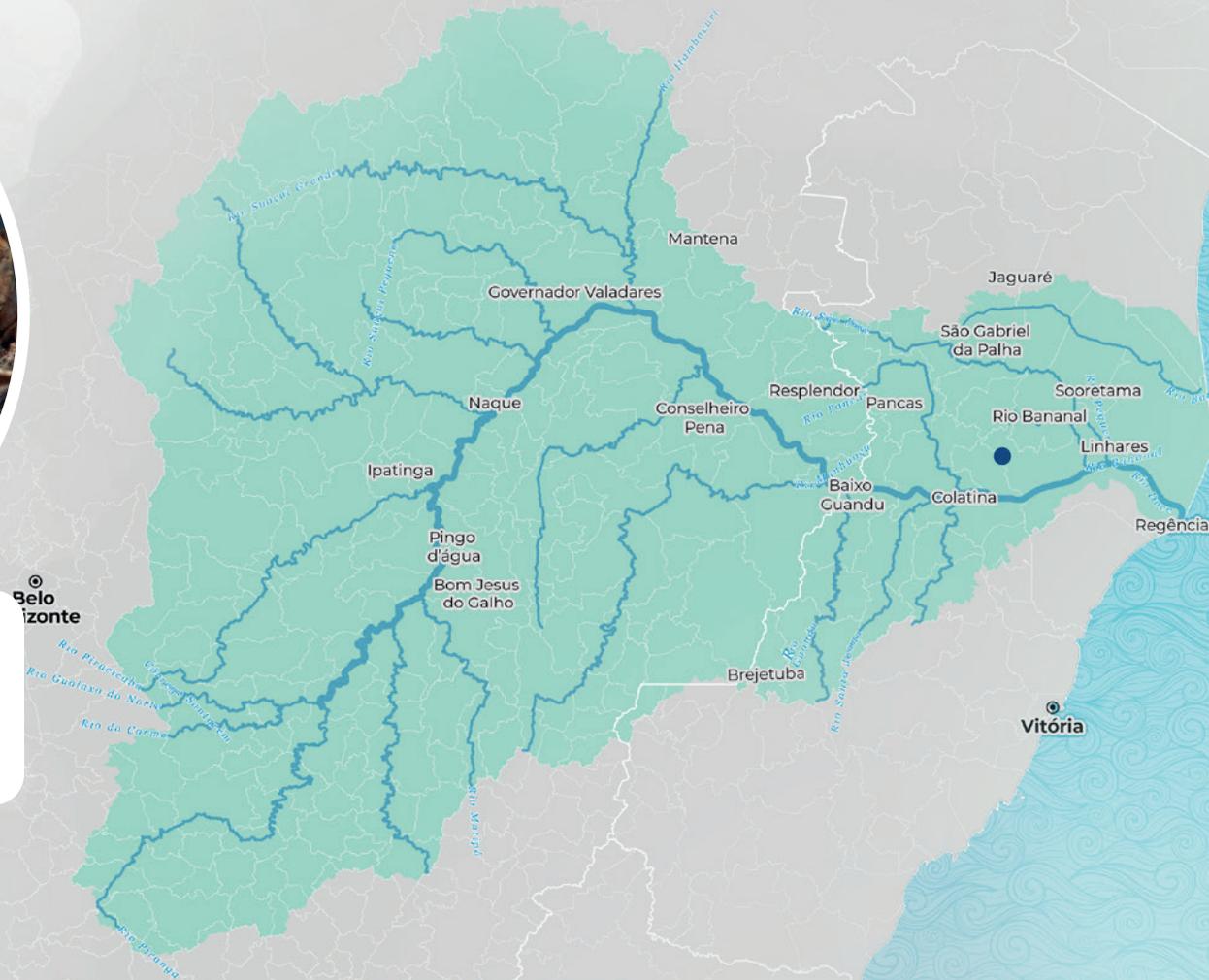


STATUS DE AMEAÇA

É sensível a qualquer alteração em seu habitat, como assoreamento dos corpos d'água, poluição urbana e rural. Além disso, sua ocorrência limitada a classifica como Vulnerável.



Descrição: ocorre apenas no Brasil, em rios menores. Para se alimentar, filtra partículas que flutuam sobre a água.



STATUS DE AMEAÇA

Sua especificidade de habitat a torna sensível a efeitos da seca intensa e instabilidade da vazão hídrica.

Hydrosmilodon plagatus

Lima Nascimento & Salles, 2012

Nome comum: efeméridas, siriruias, aleluia



Na Bacia do rio Doce: **Vulnerável**

No Brasil: **Não avaliado**

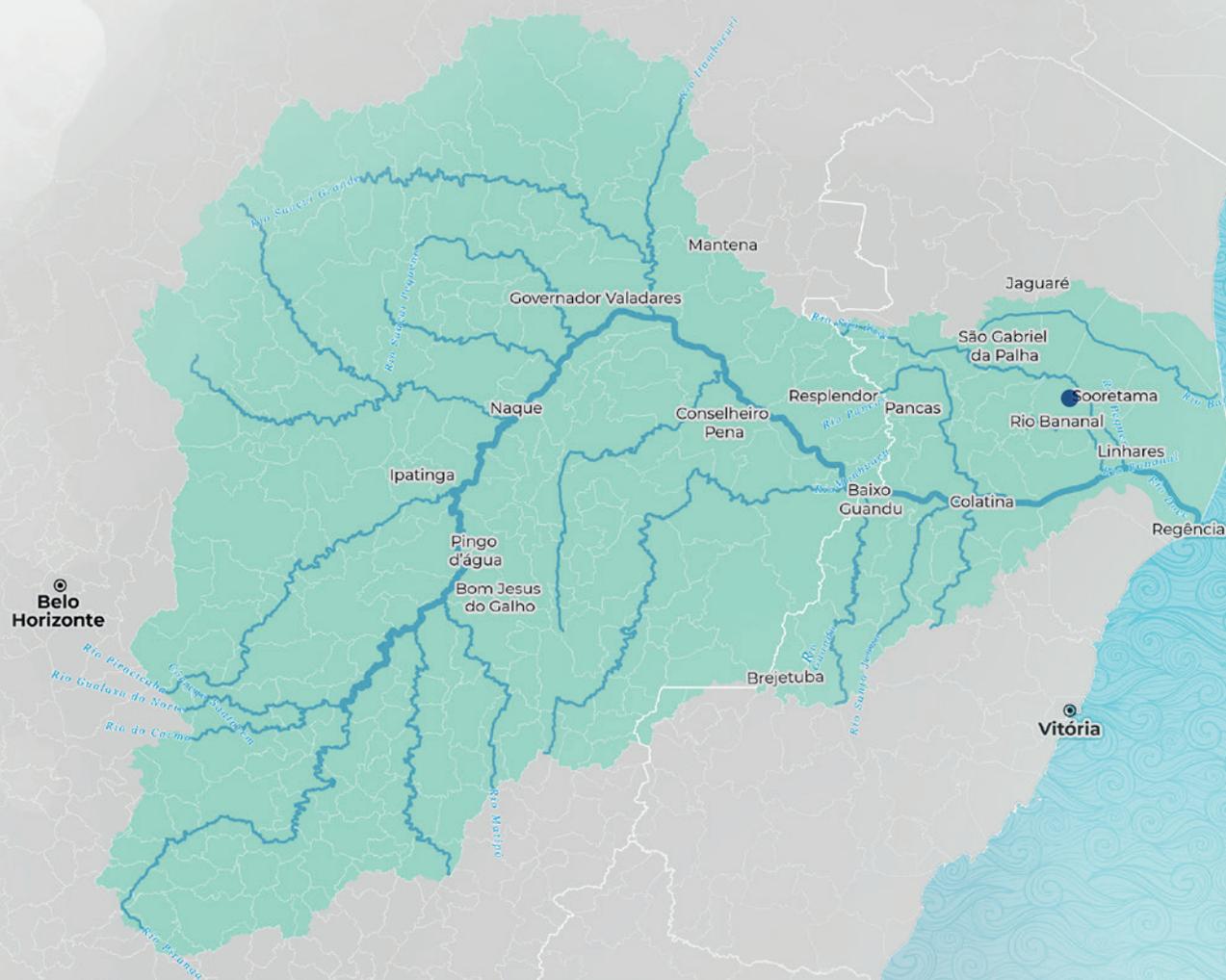


Foto: Frederico Falcão Salles

Descrição: ocorre apenas no Brasil. Animal filtrador de partículas que flutuam sobre a água, que gosta de viver sob rochas no fundo dos rios.

Lachlania aldinae

Massariol & Salles, 2016

Nome comum: efeméridas, siriruias, aleluia

Na Bacia do rio Doce: **Vulnerável**

No Brasil: **Não avaliado**



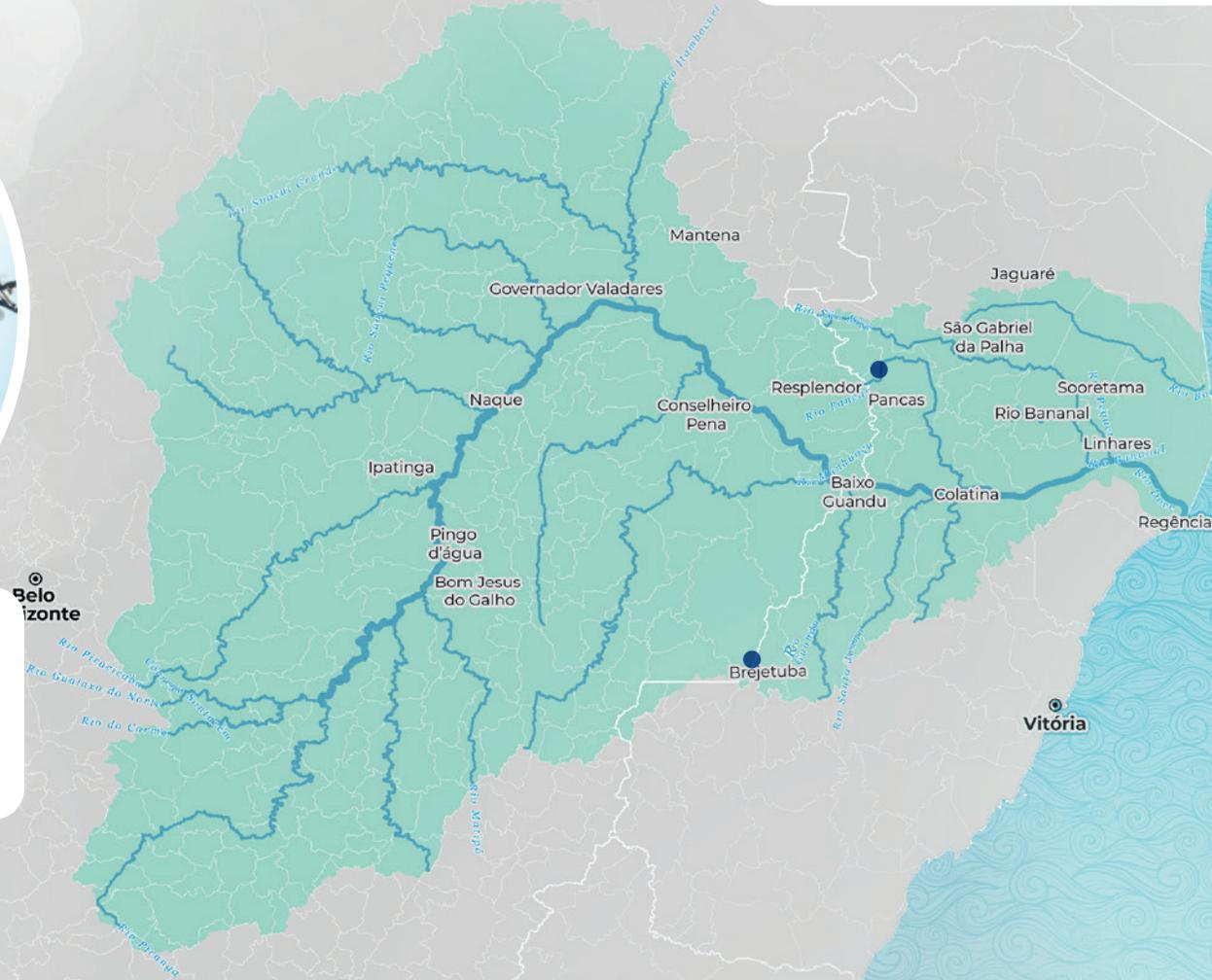
STATUS DE AMEAÇA

Por viver em locais específicos, é sensível a qualquer alteração em seu habitat, principalmente em condições de assoreamento, poluição e estiagem. Sua ocorrência limitada intensifica sua vulnerabilidade.

Foto: Fabiana Criste Massariol



Descrição: efemérida que ocorre apenas na Bacia do rio Doce. Para filtrar as partículas, fixa-se às rochas e coloca sua cabeça contra o fluxo de rios de forte correnteza.



Ulmeritoides tamoio

Souto, Da-Silva, Nessimian & Gonçalves, 2016

Nome comum: efemérides, sirirua, aleluia

Na Bacia do rio Doce: **Em Perigo**

No Brasil: **Não Avaliado**



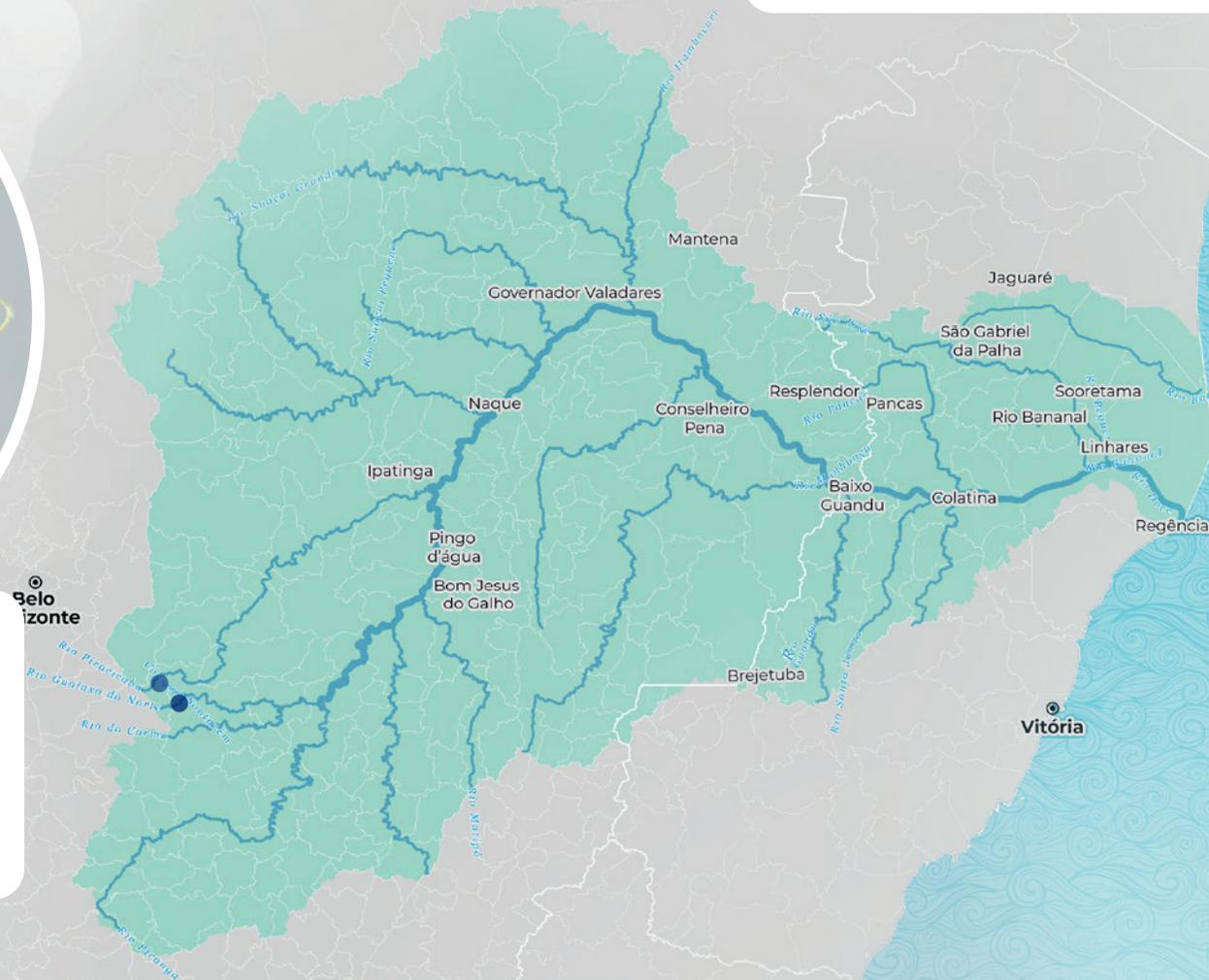
STATUS DE AMEAÇA

Por viver em locais específicos e sua população ser reduzida, é sensível a qualquer alteração em seu habitat, como a degradação da mata ciliar e aquática, o excesso de sedimentos em suspensão e no fundo dos rios.



Foto: ©Magnolia Press

Descrição: inseto raspador e filtrador que vive apenas no Brasil. Os juvenis gostam de áreas de diferentes intensidades de correnteza, em rios onde há o acúmulo de folhas em decomposição.



STATUS DE AMEAÇA

É prejudicada pela alteração de habitat, pelo desmatamento da mata ciliar e pelos impactos resultantes de atividades agrícolas insustentáveis. Sua ocorrência limitada classificou a espécie como Dados Insuficientes (DD).

Hetaerina curvicauda

Garrison, 1990

Nome comum: ibélula, lava-bunda, donzelinha



Na Bacia do rio Doce: **Dados Insuficientes**

No Brasil: **Não avaliado**



Foto: Adolfo Córdaro Rivera

Descrição: gosta das águas correntes de rios e riachos de diferentes tamanhos e se beneficia da mata ciliar e ripária. Os machos são territorialistas, defendem o local onde vivem. É uma espécie rara na Bacia do rio Doce.

Fredyagrion capixabae

Santos, 1965

Nome comum: libélula, lava-bunda, donzelinha

Na Bacia do rio Doce: **Quase Ameaçada**

No Brasil: **Vulnerável**



STATUS DE AMEAÇA

Sofre com a perda de habitat devido à exploração de granito, coleta de bromélias e fogo.

Foto: Karina Schmidt Furieri



Descrição: na Bacia do rio Doce, esta libélula é encontrada no Espírito Santo. Em sua fase jovem, chamada de ninfa, prefere viver nas águas que se acumulam nas bromélias de afloramentos rochosos. Não gosta de companhia de outros indivíduos e defende o local em que vive.



BIBLIOGRAFIA

Cäsar, C., Oliveira, L. de C. & Câmara, T. (Orgs.). (2022). *Plano de Ação para Conservação da Biodiversidade Terrestre do Rio Doce*. Bicho do Mato Editora, Belo Horizonte, MG.

Drummond, G.M., Subirá, R.J. & Martins, C.S. (Eds.). (2021). *Livro vermelho da biota aquática do Rio Doce ameaçada de extinção pós rompimento da barragem de Fundão: Mariana, Minas Gerais: crustáceos, efemerópteros, odonatos e peixes*. Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte, MG.

TABELA DE IMAGENS

Imagem	Descrição/espécie	Pg.	Autor	Link e observações
	Rio Doce, Belo Oriente (MG)	1, 3	Renato Viotti VR360	
	Parque estadual do rio Doce (MG)	5, 55	Gustavo Baxter NITRO H. V.	
	Rio Doce, Mariana (MG)	9	Mauricio Decourt VR360	
	Parque estadual do rio Doce (MG)	14	Bruno Correa / NITRO H. V.	
	Estuário	15	Joshua Gaunt on Unsplash	Photo by Joshua Gaunt on Unsplash - https://unsplash.com/@ndingujosh?utm_content=creditCopyText&utm_medium=referral&utm_source=unsplash
	Apicum	15	Jade Huguenin Rios	
	Manguezal próximo a Mossoró (RN)	15	Maíra Manzan	
	Rio Doce, Belo Oriente (Mg)	16	Renato Viotti VR360	
	<i>Adebrotus lugoi</i>	34	Frederico Falcão Salles	
	<i>Atya scabra</i>	17	Douglas Fernandes Rodrigues Alves	Fundo da imagem editado digitalmente.

Imagem	Descrição/espécie	Pg.	Autor	Link e observações
	<i>Brycon dulcis</i>	26	Gilbero Nepomuceno Salvador	
	<i>Camelobaetidium cayumba</i>	35	Frederico Falcão Salles	
	<i>Camelobaetidium juparana</i>	36	Frederico Falcão Salles	
	<i>Camelobaetidium spinosus</i>	37	Frederico Falcão Salles	Fundo da imagem editado digitalmente.
	<i>Cardisoma guanhum</i>	18	Cláudio Luis Santos	
	<i>Epinephelus itajara</i>	27	Cláudio Luis Santos Sampaio	
	<i>Fedyagrion capixabae</i>	46	Karina Schmidt Furieri	
	<i>Hermanella nigra</i>	38	Frederico Falcão Salles	
	<i>Hetaerina curvicauda</i>	45	Adolfo Cordero Rivera	Fundo da imagem editado digitalmente.
	<i>Hydrosmilodon plagatus</i>	39	Frederico Falcão Salles	

Imagem	Descrição/espécie	Pg.	Autor	Link e observações
	<i>Lachlania aldinae</i>	40	Fabiana Criste Massariol	Fundo da imagem editado.
	<i>Lupinoblennius paivai</i>	28	Renato L. Bot Neto	Uploaded By (mnhn.fr) - https://fishbase.mnhn.fr/photos/UploadedBy.php?autoctr=27777&win=uploaded
	<i>Lutjanus cyanopterus</i>	29	Cláudio Luis Santos Sampaio	Resolução da imagem editada digitalmente.
	<i>Macrobrachium acanthurus</i>	19	Giovana Bertini	Fundo da imagem editado digitalmente.
	<i>Macrobrachium carcinus</i>	20	Douglas Fernandes Rodrigues Alves	Fundo da imagem editado digitalmente.
	<i>Macrobrachium olfersii</i>	21	Giovana Bertini	Fundo da imagem editado digitalmente.
	<i>Megalops atlanticus</i>	30	Cláudio Luis Santos Sampaio	Fundo da imagem editado digitalmente.
	<i>Minuca victoriana</i>	22	Walther Ishikawa	www.planetainvertebrados.com.br/index.asp?pagina=especies_ver&id_categoria=25&id_subcategoria=24&com=1&id=186&local=2 . Fundo da imagem editado digitalmente.
	<i>Nathaliagrion porrectum</i>	47	Karina Schmidt Furieri	
	<i>Oligoneuria (Oligoneurioides) amandae</i>	41	Frederico Falcão Salles	

Imagem	Descrição/espécie	Pg.	Autor	Link e observações
	<i>Palaemon pandaliformis</i>	23	Laura Flamme	Ficheiro:Palaemon_pandaliformis (MNHN-IU-2014-20650).jpeg - Wikipédia, a enciclopédia livre
	<i>Paragenidens grandoculis</i>	31	Museum of Comparative Zoology, Harvard University	Fundo da imagem editado digitalmente.
	<i>Paramaka convexa</i>	42	Rafael Boldrini	Paramaka convexa Spieth 1943 - Plazi TreatmentBank - https://treatment.plazi.org/id/961F8154FFA8FFD0D0A323B8FE7E2528/5
	<i>Potimirim potimirim</i>	24	Alex Barbosa de Moraes	Fundo da imagem editado digitalmente.
	<i>Prochilodus vimboides</i>	32	Gilbero Nepomuceno Salvador	Fundo da imagem editado digitalmente.
	<i>Simothraulopsis eurybasis</i>	43	Frederico Falcão Salles	
	<i>Steindachneridion doceanum</i>	33	Frederico Fernandes Ferreira	Fundo da imagem editado digitalmente.
	<i>Telebasis vulcanoae</i>	48	Ruy Penalva de Faria Neto	Folha e fundo da imagem editados digitalmente.
	<i>Ucides cordatus</i>	25	Douglas Fernandes Rodrigues Alves	Fundo da imagem editado digitalmente.
	<i>Ulmeritoides tamoio</i>	44	©Magnolia Press	Souto, Paula M., Elidiomar R. Da-Silva, Jorge L. Nessimian & Inês C. Gonçalves. 2016. Two new species of Ulmeritoides Traver (Ephemeroptera: Leptophlebiidae) from Southeastern Brazil. Fundo da imagem editado digitalmente.

Esta cartilha é fruto da parceria firmada entre a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS) e o Instituto Internacional para Sustentabilidade (IIS).

O projeto tem sua origem nas ações realizadas pelo Novo Acordo do Rio Doce. Para saber mais sobre o contexto histórico da reparação acesse: reparacaobaciariodoce.com/historico/. E para acompanhar as ações em curso acesse: samarco.com/reparacao



ISBN: 978-65-983510-0-7

CD



9 786598 351007



IIS INSTITUTO INTERNACIONAL
PARA SUSTENTABILIDADE